

Instituto Federal do Rio de Janeiro

Nilópolis

Curso de Pós-Graduação em Linguagens
Artísticas, Cultura e Educação

Késsia da Rosa Rodrigues de Carvalho

**A Representatividade da Mulher Negra
na Fotografia de Paulo Santos**

Nilópolis
2022

Programa de Pós Graduação Lato Sensu
Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação
Campus Nilópolis

Késsia da Rosa Rodrigues de Carvalho

**A Representatividade da Mulher Negra
na fotografia de Paulo Santos**

Nilópolis

NOVEMBRO / 2022

INSTITUTO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

IFRJ – CAMPUS NILÓPOLIS

NOVEMBRO/ 2022

CIP - Catalogação na Publicação

C331r Carvalho, Késsia

A Representatividade da Mulher Negra nas Fotografias de Paulo Santos / Késsia Carvalho - Nilópolis, 2022.

42 f. : il. ; 4 cm.

Orientação: Fernando Brame.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização), Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Nilópolis, 2022.

1. Mulheres Negras. 2. Fotografias. 3. Resistência . 4. Construção Social. 5. Identidade. I. Brame, Fernando, **orient.** II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. III. Título

Késsia da Rosa Rodrigues de Carvalho

A Representatividade da Mulher Negra na fotografia de Paulo Santos

Trabalho apresentado à banca examinadora como cumprimento das exigências para conclusão do curso de pós graduação em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação do IFRJ – Campus Nilópolis, turma 2019.

Orientador: Prof.º DR.º Fernando Ribeiro Gonçalves Brame

Nilópolis

Novembro/2022

KÉSSIA DA ROSA RODRIGUES DE CARVALHO

**A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA
NA FOTOGRAFIA DE PAULO SANTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Federal do Rio
de Janeiro como requisito parcial para a
obtenção do grau de Especialista em
Linguagens Artísticas, Cultura e
Educação.

Aprovado em 28/11/2022.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 FERNANDO RIBEIRO GONCALVES BRAME
Data: 29/11/2022 12:40:21-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Fernando Ribeiro Gonçalves Brame - (Orientador)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Documento assinado digitalmente
 ALEXANDRE DE OLIVEIRA PIMENTEL
Data: 29/11/2022 21:40:07-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Me. Alexandre de Oliveira Pimentel - (Membro Interno)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Documento assinado digitalmente
 FERNANDA DELVALHAS PICCOLO
Data: 29/11/2022 20:51:28-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dra. Fernanda Delvalhas Piccolo (Membro Interno)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, a minha família, que muito me apoiou e incentivou a realizá-lo, aos meus amigos, que muito me ajudaram, e a minha orientadora e meu orientador por terem me dado todo apoio necessário para que eu até aqui chegasse.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde e disposição que me permitiram a realização deste trabalho.

Ao meu esposo e aos meus filhos pela compreensão na ausência nos dias de quinta, durante meses.

À Fernanda Delvalhas Piccolo, coordenadora do curso de Especialização em LACE pelo apoio e incentivo quanto à qualificação.

À Angela Maria da Costa e Silva Coutinho (in memoriam), minha orientadora, pela paciência, dedicação e incentivo nessa caminhada.

Ao meu orientador Fernando Ribeiro Gonçalves Brame, por assumir este desafio após o falecimento da referida professora orientadora.

Ao meu psicólogo Humberto Rodrigues Miranda pela ajuda e apoio profissional durante esse período de escrita/reescrita desse trabalho.

Ao meu amigo Lucas Oliveira Costa Silva por todo apoio, dedicação e compreensão durante esse período.

Aos meus amigos pela minha ausência em compromissos.

Aos amigos e colegas da pós graduação.

Agradeço, também, aos demais docentes e a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste estudo.

Agradecimento especial aos meus pais (in memoriam), que foram os que sempre me incentivaram a ir atrás dos meus sonhos. Meu pai, minha grande inspiração para realização desse trabalho.

"Não trabalho com miséria, mas com as pessoas mais pobres. Elas são muito mais ricas em dignidade e buscam, de forma criativa, uma vida melhor. Quero com isso provocar um debate. A nossa sociedade é muito mentirosa. Ela prega como sendo única a verdade de um pequeno grupo que detém o poder."

Sebastião Salgado, 1997

RESUMO

O presente trabalho acadêmico propõe uma reflexão e apresenta fotografias das mulheres negras da Baixada Fluminense por meio do olhar do fotógrafo Paulo Santos em sua exposição intitulada *Ilustres e Anônimas*, personalidades negras, que aconteceu no Top Shopping em Nova Iguaçu (2019). Neste sentido, o trabalho tem por objetivo investigar, analisar, discutir os sentidos das imagens, na tentativa de se pensar, debater a forte presença e as marcas identitárias desses corpos, debatendo sobre o lugar que as mulheres negras ocupam na sociedade, havendo visivelmente um símbolo de força, resistência e coragem. Pretende-se rever e refletir sobre as imagens, os discursos e as memórias dos referidos as importantes fotografias que são objetos de estudo da pesquisa (mulheres negras) construídos no Brasil. Neste sentido, pode-se notar que atribuir-se à mulher negra posições sociais relacionadas à trabalhos repetitivos, que geralmente não tem apressa social, visão tem se modificado e é possível ver representada a imagem desse grupo étnico-racial atrelado a outras temáticas que abordar-se-á no decorrer do trabalho. Referindo à construção social das mulheres negras nos âmbitos cotidianos, nas artes e na cultura. Temos relatos de uma trajetória de lutas e conquistas, como podemos ver na literatura a escritora Conceição Evaristo, na música Elza Soares, na dramaturgia Zezé Mota e na concepção das bibliografias que serão ressaltadas, após serem revisadas.

Palavras-chaves: Mulheres Negras, fotografias, Resistência, Construção Social, Identidade.

ABSTRACT

The present academic work proposes a reflection and presents photographs of black women from Baixada Fluminense through the gaze of photographer Paulo Santos in his exhibition entitled *Ilustres e Anônimas*, black personalities, which took place at Top Shopping in Nova Iguaçu (2019). In this sense, the work aims to investigate, analyze, discuss the meanings of images, in an attempt to think, debate the strong presence and identity marks of these bodies, debating the place that black women occupy in society, with a visible symbol of strength, endurance and courage. It is intended to review and reflect on the images, speeches and memories of those referred to the important photographs that are objects of study of the research (black women) built in Brazil. In this sense, it can be noted that assigning to black women social positions related to repetitive work, which generally does not have social pressure, vision has changed and it is possible to see represented the image of this ethnic-racial group linked to other themes that address will be in the course of the work. Referring to the social construction of black women in everyday environments, in the arts and in culture. We have reports of a trajectory of struggles and conquests, as we can see in the literature the writer Conceição Evaristo, in the music Elza Soares, in the dramaturgy Zezé Mota and in the conception of the bibliographies that will be highlighted, after being revised.

Keywords: Black Women, photographs, Resistance, Social Construction, Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Execução de Punição por Flagelo – Debret

Figura 2 - Mãe Preta – Lucílio de Albuquerque

Figura 3 - Mina de ouro Serra Pelada

Figura 4 - Daise Aparecida

Figura 5 - Loide Regina dos Santos

Figura 6 - Aryane Funpe

Figura 7 - Claudielle Pavão

Figura 8 - L'ayo

Figura 9 - Tati Brandão

Figuras 10 - Adriana Martins

Figura 11 - Gilza Rosa Moraes

Figura 12 - Paulo Santos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 OS PERCURSOS DA FOTOGRAFIA	19
1.1 Nascimento da fotografia	20
1.2 Um olhar diferente através da fotografia.....	20
2 PAULO SANTOS E A REPRESENTATIVIDADE FEMININA	23
3 QUEM SÃO AS MULHERES ILUSTRES E ANÔNIMAS APRESENTADAS POR PAULO SANTOS EM SUA EXPOSIÇÃO?	28
3.1 Revelando o fotógrafo negro da Baixada Fluminense.....	34
3.2 Obra e Autor: Uma Ótica Além do Continente	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

Introdução

Olhar para a diversidade é um grande desafio, as fotografias ajudam a dar representatividade a pessoas que geralmente são invisibilizadas. No entanto, muitas vezes se vê e se faz julgamentos com valores particulares de quem aprecia, não levando em conta de fato o que é a vivência de cada sujeito estampado por meio de imagens. Paulo Santos em sua exposição enfatiza os ilustres anônimos, ponto relevante que fortalece a construção de uma sociedade antirracista.

Neste sentido, o presente trabalho acadêmico busca refletir além das estampas fotográficas e analisar as contribuições sociais que resultam com as exposições das mesmas em locais públicos. Entretanto, nem sempre há visão positiva dos negros e negras à serem apresentadas, na maioria das vezes são representados nos diferentes meios de comunicação em situações ligadas a subalternidade e marginalidade, o que enfatiza um estereótipo que segrega e é preconceituoso, ponto marcante na estrutura social. Tais posturas são motivadas por conceitos, ou melhor preconceitos relacionados ao fenótipo desses homens e mulheres, aos atributos fisionômicos da negritude, o que configura uma perpetuação do racismo.

Tratar da representatividade negra e o reconhecimento do negro como parte ativa da sociedade, personagem importante na construção da história brasileira é ir além das fotos, é focar nas vivências e nas possibilidades de transformação da visão social, que estruturalmente silencia o racismo afirmando ser uma brincadeira.

Silvio Almeida, relata que:

No fim das contas, quando se limita o olhar sobre o racismo a aspectos comportamentais, deixa-se de considerar o fato de que as maiores desgraças produzidas pelo racismo foram feitas sob o abrigo da legalidade e com apoio moral de líderes políticos, líderes religiosos e dos considerados “homens de bem”. (2019, p.37).

Sendo assim, nota-se o quando a discriminação é reforçada e muitas vezes chancelada por autoridades, pessoas de tem notório apelo social, o que minimiza os efeitos para o agressor, mas deixa marcas profundas na vítima.

As diversas percepções presentes na nossa sociedade, direciona vertentes bem enfáticas quanto ao ser negro dentro do nosso país, pois de forma subliminar, o convívio social somado com a mídia tradicional e social, tentam trazer e induzir o “embranquecimento”, atrelando sempre o preto, escuro e negro como questões ruins

no cotidiano, principalmente quando comumente se fala "a coisa está preta", "isso é coisa de preto" e outros termos que foram naturalizados no Brasil.

Nessa perspectiva observa-se que a figura de pessoa negra é colocada e objetificada por traços corporais inferiorizados, além das falas associadas aos cabelos, como ruim, duro, crespo e diversos termos ligados a comparações de mal tom, há o mito da boca que deve grande, corpo robusto no intuito de marcar certa liberdade para tocar ou fazer piadas. Atrelado a este fator Cohen citado por Kabengele Munanga (2019) explica:

Para Paul Broca, traços morfológicos, tais como a prognatismo, a cor da pele tendendo à escura e o cabelo crespo estariam frequentemente associados à inferioridade, enquanto a pele clara, o cabelo liso e o rosto ortognato seriam atributos comuns aos povos mais elevados da espécie humana. Jamais uma nação de pele escura, cabelo crespo e rosto prógnato chegaria espontaneamente à civilização. Pescoço, nariz, pernas, dedos e órgãos sexuais do negro foram analisados e considerados provas de sua diminuição intelectual, moral, social, política etc. (MUNANGA, p. 29-30).

Paulo Santos, um fotógrafo recifense, na contra mão dos hábitos estigmatizados na contemporaneidade em sua exposição em dos municípios da Baixada Fluminense, faz uma abordagem de reconhecimento e valorização da figura afrodescendente, buscando assim uma mudança de visão e tornando visível tantos trabalhadores que vivem no anonimato sem serem reconhecidos por sua identidade.

Entretanto, o preconceito racial ainda paira o Brasil, uma vez que vivemos em um cotidiano de características remanescentes de séculos de escravização e marginalização dos africanos. Indubitavelmente, a construção de estereótipos fortalece a visão deturpada dos negros em nosso país, sendo necessária a desconstrução dessa realidade, por meio da valorização do sujeito.

O século XIX foi marcado pela exploração do povo raptado da África em solo brasileiro, não só dos corpos negros, mas também pelo uso autoritário e abusivo de sua força de trabalho e sua inteligência. Munanga (2019) argumenta que:

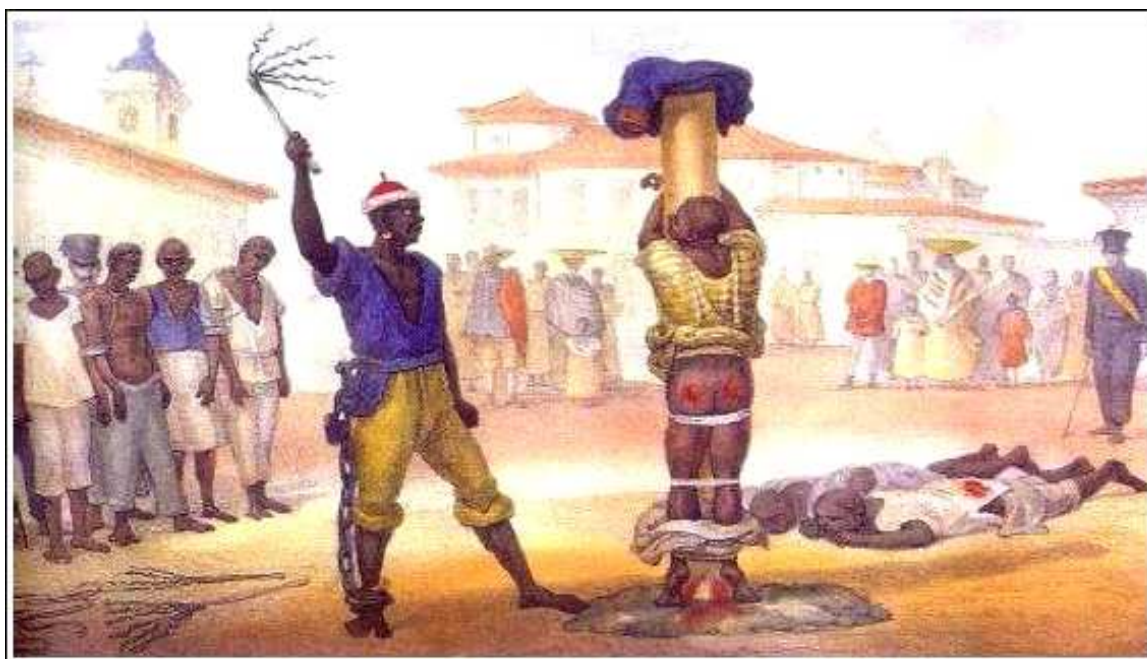
Enquanto uma única pessoa continuar a ser caracterizada e discriminada pela cor da pele escura, enquanto uma única pessoa se obstinar, por causa de sua diferença, a lançar sobre a outra pessoa um olhar globalizante que a desumaniza ou a desvaloriza, a negritude deverá ser o instrumento de combate para garantir a todos o mesmo direito fundamental de desenvolvimento, a dignidade humana e o respeito das culturas do mundo. A negritude fornece nesses tempos de globalização, um dos melhores antídotos contra as duas maneiras de se perder: por segregação cercada pelo particular e por diluição no universal (MUNANGA, p. 20).

Levando em conta os apontamentos de Munanga é preciso buscar estratégias de humanização dos corpos negros, sendo eles referências de resistência e conscientização da importância de todos os sujeitos.

Historicamente, pinturas e fotografias têm possibilitado visualizar o cidadão e a cidadã negros como escravizados ou como seres anônimos, desprovidos de destaque histórico e desconstruídos quanto à abordagem sobre o espaço em que ocupam socialmente, politicamente, artisticamente, culturalmente e em outras instâncias da construção humana.

Podemos observar essa questão nas imagens marcam uma geração, bem como são aliadas para ilustrar vivências, assim é a seguir, muito utilizada em livros didáticos que revelam a submissão da população negra, mas não ressalta os atos de resistência e luta de um povo segregado, apenas a condenação por descumprir regras que beneficiavam apenas os donos de engenhos e outros denominados senhores da sociedade da época. Veja a tamanha desumanidade e expressividade de negros se açoitarem.

Figura 1 – Execução de punição por flagelo



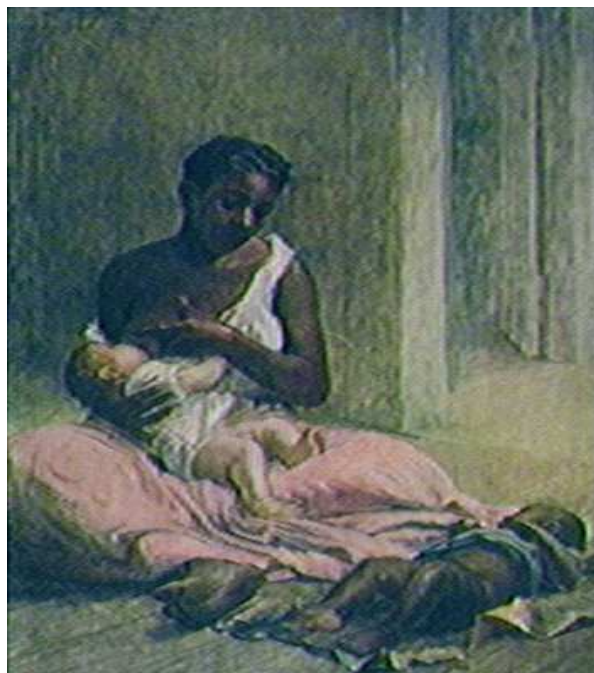
DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. 4. ed. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Livraria Martins, 1965. Tomo I, v. I e II. p. 45.

Nessa imagem, podemos ver homens negros, escravizados sendo açoitados por outros homens negros, essa era a realidade daquele momento histórico, que muito embasou falas contemporâneas de que os europeus só deram continuidade a uma prática utilizada pelos povos nativos do continente africano, o qual relatam a livre pratica de um povo submeter o outro a escravidão.

Essa visão, culpando os povos da África por sua escravização levou a muitos a defenderem o continuo, desumano e arbitrário modo de lidar com sujeitos da pele escura, olhar este que até na atualidade influencia no processo discriminatório das relações humanas.

Em seguida temos outra imagem comprometedora aos estereótipos da mulher negra, aquela avantajada, que muito tem a oferecer, inclusive deixar seu filho e alimentar outra criança fenotipicamente branca.

Figura 2 – Mãe Preta



ALBUQUERQUE, Lucílio de. *Mãe Preta*, 1912. Óleo sobre tela, c.s.e. 130,00 cm x 180,00 cm.

A obra de Lucílio de Albuquerque, encontramos uma mulher negra amamentando uma criança branca, enquanto seu filho estava ao chão aguardando também ser amamentado ou até mesmo abandonado tendo seu alimento retirado por uma criança historicamente privilegiada, por meio da imagem muitas faces podem ser vistas, mas vai depender do repertório cultural de quem aprecia, pois é

preciso analisar as particularidades e que tem de minucioso para a caracterizar a comunicação.

A imagem acima é uma retratação dura e penosa do cotidiano das mulheres negras dentro do contexto histórico do cenário temporal do Brasil Colônia, Imperial e Contemporâneo. As escravizadas eram submetidas a se alimentarem e ao mesmo tempo criar crianças brancas, porém aos seus próprios filhos, haviam restrições sérias a serem seguidas que impediam da própria mãe, cuidar naturalmente do seu filho biológico, as mazelas do cativeiro traziam sequelas enormes dentro da rotina de mãe e filho.

O quadro "mãe preta" é uma fonte realística, que demanda de muita pesquisa para desdobrar as falas, uma prova histórica da obrigatoriedade de como as pretas deveriam priorizar filhos dos brancos e colocando em segundo plano, suas próprias crianças. A perspectiva para essa pesquisa não é falar sobre essa desigualdade e um simultâneo descaso, de como era a naturalidade das mulheres escravizadas, mas sim, mostrar a beleza, a força e o poder dessas mulheres após décadas de dores e sofrimento, bem como expressar a positividade do artista Paulo Santos em representar elas, com a beleza natural de cada mulher.

Questiona-se no decorrer do trabalho como valorizar a mulher negra por meio da fotografia e de sua representação perante a sociedade, pois muitas vezes elas são estereotipadas e invisibilizadas na sociedade.

Com o trabalho objetiva-se analisar como foram representadas as mulheres negras na fotografia de Paulo Santos, que possibilitaram sua visibilidade e sua inserção na nossa construção social.

Pretende-se, especificamente, fazer um breve panorama de aspectos referentes à história e à cultura na sociedade brasileira, tendo a fotografia como fio condutor. Ler imagens e textos, a fim de argumentar criticamente sobre a história e cultura negras na sociedade brasileira e suas repercussões no cotidiano atual.

Durante a pesquisa utilizar-se-á método qualitativo descritivo, com a finalidade de analisar o trabalho fotográfico de Paulo Santos. Inclui-se uma revisão bibliográfica na busca por diversos autores que discutem a cultura, a sociedade, a arte fotográfica, a representatividade do negro em geral e da mulher negra especificamente. Para isso a pesquisa será baseada em estudos de autores, tais como por exemplo bell hooks, Kabengele Munanga, Djamila Ribeiro, Silvio de

Almeida, Nilma Lino Gomes, Conceição Evaristo, Amauri Mendes Pereira e outros renomados no tema.

É importante salientar que o corpus de autores tende a aumentar na medida em que a leitura for sendo desenvolvida. O estudo incluirá uma pesquisa documental de imagens com destaque para exposições, periódicos, filmes, vídeos e dispositivos legais que se unirão ao acervo bibliográfico. Como objeto de trabalho foram selecionadas imagens da exposição do fotógrafo Paulo Santos.

1 OS PERCURSOS DA FOTOGRAFIA

A fotografia ao longo dos anos foi evoluindo e passou a ser um registro histórico. Neste sentido, a foto é o registro dos momentos importantes de nossa vida, ela nos faz lembrar fatos bons ou ruins. Sendo assim, retoma-se ao período da história do Brasil ligado a escravização do povo afrodescendente, o qual não foi registrado por fotos, mas algumas imagens retratam o modo em que esse povo era submetido.

Laurentino Gomes (2019) aborda um pouco sobre o cenário instaurado em solo brasileiro durante o processo de colonização, apontando que:

A escravidão é uma chaga aberta na história humana. Suas marcas físicas são ainda hoje bem visíveis na geografia do planeta. Podem ser observadas, bem de longe, por astronautas em órbita da Terra, nos 21.196 quilômetros de extensão da Grande Muralha da China, construída ao longo de quase mil anos com trabalho forçado de cerca de 1 milhão de cativos. Ou, bem de perto, nos 639 minúsculos diamantes da coroa de dom Pedro II, exposta no Museu Imperial de Petrópolis _ garimpados por escravos em Minas Gerais e outras regiões do Brasil. (GÔMES, 2019, p.63).

Em observância ao que é exposto por Laurentino Gomes (2019), percebe-se a influência de escravizados no trabalho produtivo, na construção das riquezas e em outros diferentes contextos sociais e culturais ao longo da história humana. Partindo dessa premissa, podemos entender que os africanos, no Brasil, impactaram profundamente a sociedade em diversas questões, que até os dias atuais podem ser observados nas relações humanas.

No contexto da presente investigação, imagens fotográficas revelam uma leitura de mundo, tanto do autor, quando da cena ou personalidade representada. Ao longo do tempo diversos quadros ganham credibilidade por estampar figuras importantes ligadas a corte, na contemporaneidade representar mulheres negras em painéis fotográficos é ressaltar essa natureza diversa que compõem os seres, assim se revela o meio pelo qual refletimos sobre invisibilidade versus exposição; apagamento e anonimato versus representatividade.

A invisibilidade esta aliada aos padrões socialmente estipulados, que nacionalmente são oriundos do continente europeu, pelo fato de ser a origem do colonizador. Expor pessoas etnicamente negras rompe com paradigma social passando a revelar um novo olhar sobre o belo, perante as características físicas.

O corpo da pessoa negra recebe questionamentos para se enquadrar no perfil atrelado a moda, sendo esse geralmente magro, branco, com olhos claros e

cabelos lisos, fator que leva a pessoa afrodescendente a se submeter a procedimentos químicos na busca por enquadramento, apagando assim seus traços ou buscando não estar em foco para não ser socialmente avaliada. Entretanto, no século XXI discute-se a representatividade que é assumir o lugar de fala, ou seja, ter pertencimento e não se envergonhar de sua natureza, ponto bem ressaltado na exposição de Paulo Santos.

1.1 Nascimento da fotografia

Acredita-se que o primeiro registro encontrado de uma fotografia foi feito na França, mas há fontes que apontam registros feitos por alquimistas na Antiguidade. Contudo o francês Louis Jacques Mandé Daguerre, foi quem criou a primeira câmera fotográfica em 1839, mas essa arte só ganhou notoriedade bem mais tarde em 1888, com o surgimento da marca Kodak, que até hoje é conhecida no ramo da fotografia (COSTA, 2018).

A fotografia pode ser definida como uma técnica de captação, criação e registros de imagens, feitas através de exposição luminosa em uma superfície sensível.

Levando em conta a evolução da máquina fotográfica, compreende-se também os benefícios para os registros fidedignos das vivências. Antes as pessoas se arrumavam, colocavam suas melhores roupas e faziam uma pose para o fotógrafo, com a modernização a todo momento se registra uma foto, sem até uma câmera fotográfica, basta o auxílio de uma lente no celular ou satélite. Assim as cores se tornaram marcantes e o povo negro obteve representatividade nas imagens, pois atualmente temos a democratização do acesso a foto, antes era restrito a uma camada da sociedade munida de bens financeiros.

1.2 Um olhar diferente através da fotografia

A fotografia quanto objeto de pesquisa é uma fonte que revela mais a ótica do fotógrafo, ao invés do fotografado, pois é exibido o que o agente da ação foca. Nesta vertente, a sensibilidade fotográfica exige uma conscientização social, pois só quem conhece a importância dá o devido valor. Atrelada a esta visão Teixeira afirma:

Há 20 anos sou fotógrafo do jornal do Brasil. Isto é o suficiente para me ligar ao mundo em todos os momentos. Minha aventura pessoal identifica-se com a aventura vivida pelo mundo. Não tenho méritos por isso; sou um homem manejando uma câmera. Quando bem operada, é um fósforo aceso na escuridão. Ilumina fatos nem sempre muito compreensíveis. Oferece

lampejos, revela dores do impasse do mundo. E desperta nos homens o desejo de destruir este impasse. (TEIXEIRA, 1982)

No início do depoimento de Evandro Teixeira (1982) pode-se afirmar o quanto a fotografia é importante e necessária para o jornalismo. É através dela que podemos interagir, conhecer, nos emocionar, buscar ligações entre a reportagem e a realidade, criando assim uma relação com os fatos ocorridos e retratados.

A fotografia é importante, pois ela registra momentos que podem fazer parte da memória de um país. Cada fotografia pode trazer lembranças, significados e até mesmo mudanças. Fotos podem ser parte significativa, pois não estamos falando apenas de registros, mas sim de compartilhar o que encontramos de belo, diferente, misterioso, ou seja, o que se busca eternizar. Cada sentimento pode encontrar um lugar na fotografia, é preciso sensibilidade de quem aprecia.

O fotógrafo se torna uma verdadeira testemunha ocular da história atrás das câmeras. Afinal, é através do seu olhar que temos a percepção dos fatos ocorridos durante aquele período. Entende-se assim que o fotógrafo é um poeta! Sebastião Salgado, em sua exposição em 2019, retrata em seus trabalhos a miséria e os maus tratos a que são submetidos os homens em diversas partes do mundo. Com pode notar a seguir:

Figura 3 – Mina de Ouro Serra Pelada



Fonte: Conexão Planeta/Exposição Gold – Mina de Ouro Serra Pelada

Com tal registro fotográfico de Sebastião Salgado, observa-se o quanto o trabalho braçal e a precarização dos serviços de pessoas negras acontecem até mesmo após a escravidão, na contra mão dessa premissa as exposições em locais públicos de fotografias de personalidades negras, trajadas com adornos que marcam a identidade cultural, colocam em voga uma nova visão, uma mudança de paradigma e um apreciar a natureza humana em sua essência.

Neste viés Amauri Mendes Pereira destaca que:

Melhores estratégias e ações carecem de autocrítica e amadurecimento no âmbito da luta contra o racismo e de promoção da igualdade racial, assim como junto ao amplo espectro de forças progressistas. Cabe a quem vê e quem quer construir, a responsabilidade de “tocar o lado de cá do futuro”, reaprender e ensinar velhas e novas lições na e com a vida social ampla e plural. (PEREIRA, 2020, p.13)

Portanto, fotografar e valorizar o negro por meio da arte é uma ação antirracista. É tocar do lado de cá do futuro, é de forma empática dar visibilidade a um povo historicamente silenciado.

2 PAULO SANTOS E A REPRESENTATIVIDADE FEMININA

Nascido em Recife, Paulo Santos, tornou-se fotógrafo após cursar topografia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). De acordo com relatos do Fórum da Baixada o profissional iniciou sua carreira por meio de um amigo que já atuava no ramo.

Homem negro, residente no Rio de Janeiro, no município de Nova Iguaçu, Paulo Santos teve diversas profissões, mas se encontrou no ato de fotografar, passando a levar essa arte em periferias, ou seja, em lugares que geralmente não são valorizados em Cultura e Arte.

Assumindo o pertencimento Paulo Santos começou a levar a arte da fotografia à diversos espaços, com imagens que demarcam o valor do povo e das características locais, assim empodera e desconstrói a visão heróica dos brancos e a soberania da Europa em sua dimensão continental. Atentando-se para essa ótica, Amauri Mendes Pereira afirma que:

Agora queremos falar sobre integridade cultural versus imposição cultural, porque esta tem origem nas definições. Pelo fato de o Ocidente branco sentir que ele era superior a tudo o mais, me lembro de que, quando jovem nas Índias Ocidentais, tive de ler *The White Man's Burden* de Rudyard Kipling. Eu achava que a melhor coisa que um branco podia fazer para mim era deixar-me em paz, mas Rudyard Kipling lhes disse para virem salvar-me, porque eu era meio selvagem e meio infantil. Foi muito branco da parte dele. O que aconteceu é que o Ocidente empregou a força para impor sua cultura ao Terceiro Mundo, onde quer que fosse. Se alguns colonos se mudaram da Inglaterra para Zimbabwe, não havia motivo para rebatizarem aquele país com o nome de Rodésia, em sua própria homenagem e, em seguida, obrigar todo mundo a falar sua língua, o inglês. Se tivessem respeito pelas culturas de outros povos, falariam a língua destes e adotariam suas religiões. Mas, na verdade, o que aconteceu foi porque o Ocidente era tão poderoso – esta é a palavra que ninguém quer mencionar, poder. Vocês sabem que foi unicamente o poder que obrigou o povo a curvar-se perante o Ocidente. Ele não o fez porque gostasse de Jesus Cristo ou dos brancos. Não. Há muito tempo, Maquiavel disse que “o povo obedece a seus senhores por uma de duas razões. Ou os ama ou os teme.” Muitas vezes, me pergunto se o Ocidente acredita ou não que o Terceiro Mundo o ama e, por isso, obedece a ele. Mas é evidente que ele o teme. O Ocidente, com seus canhões, seu poder e sua força, foi para a África, Ásia, América Latina e para os Estados Unidos e violentaram-nos e, enquanto faziam isso, empregavam belas expressões. Disseram aos índios: “Nós os estamos civilizando, estamos domando o Ocidente. E se vocês não se deixarem civilizar, nós os mataremos.” Destarte, eles cometeram genocídio, roubaram a terra, puseram os índios em reservas e disseram que haviam civilizado o país. (PEREIRA, 2020, p.46)

As imposições culturais dificultam a construção de pertencimento e da identidade enquanto sujeitos negros, a busca por enquadramento faz com que se

adote penteados, roupas e acessórios discretos, ligados ao fenótipo branco, “arrumados”, pois o cabelo (blac) é socialmente visto como desarrumado.

Na exposição denominada Ilustres e Anônimos que aconteceu no Top Shopping em Nova Iguaçu, Paulo Santos, representou mulheres negras pouco conhecidas por admiradores da fotografia.

A mulher é símbolo de vida e resistência, pois na dor do parto faz nascer homens e mulheres que irão conduzir o futuro da nação.

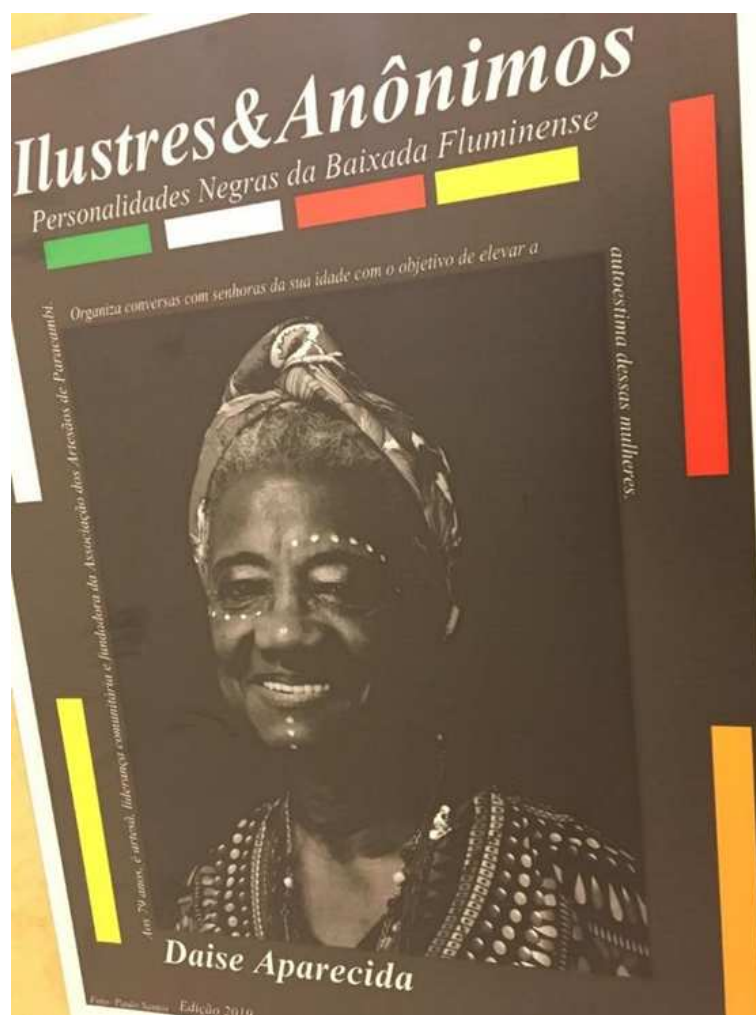
De acordo com Priore:

O século XXI será das mulheres! Quem avisa são os filósofos. De fato, elas estão em toda a parte, cada vez mais visíveis e atuantes. Saíram de casa, ganharam a rua e a vida. Hoje trabalham, sustentam a família, vêm e vão, cuidam da alma e do corpo, ganham e gastam, amam e odeiam. Quebraram tabus e tradições. Não é pouco para quem há cinquenta anos só tinha um objetivo na vida: casar e ter filhos. Ser feliz? Ao arrumar uma aliança no dedo, a felicidade vinha junto (PRIORE, 2013, p.5 *apud* AZEVEDO e SOUSA, 2019, p.3).

Destarte a intrepidez do público feminino que vem conquistando cada dia mais seu espaço em direitos em paridade com homens. Contemporaneamente são chefes de família, conduzem empresas e fazem a vida acontecer.

Deise é um exemplo da força feminina no século XXI, viu gerações passarem e foi representada por Paulo Santos na exposição, sendo representada da seguinte maneira:

Figura 4 – Daise Aparecida



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Daise Aparecida de Jesus Freitas, nasceu em 08/08/1940 na cidade do Rio de Janeiro. Foi trabalhadora do antigo Instituto do Açúcar e do Alcool. Mãe de 3 filhos, avó de 4 netos. Mudou-se para Paracambi em 1998, se formou no Curso Normal aos 62 anos, trabalhou como professora no antigo Hospital Paracambi, que atendia pacientes psiquiátricos no bairro da Cascata. Foi voluntária no projeto creche noturna no Ciep 500, participou de diversos projetos dentro da prefeitura de Paracambi e foi uma das fundadoras e presidente da Associação de Artesãos de Paracambi.

Das fotos de Paulo Santos expostas em Nova Iguaçu, destaca-se também Loide Regina dos Santos, como pode-se ver a seguir:

Figura 5 - Loide Regina dos Santos Vicente



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Loide Regina dos Santos Vicente nascida em 1977, negra, autodenominada periférica, formada em Economia Doméstica e Letras pela UFRRJ, com duas pós-graduações no currículo. Tornou-se Mestre em Educação no ano de 2021. Tem sua trajetória de vida marcada por lutas. Ajudou cuidar do seu pai portador de Alzheimer. É professora de Arte da prefeitura Municipal de Paracambi e de Arte, Língua portuguesa e Inglesa da Prefeitura Municipal de Seropédica, além de estar envolvida em projetos como Educação de Toda Cor e inserindo a questão racial em suas aulas.

O projeto, Ilustres e Anônimos, com sua ousadia, busca mostrar um pouco do universo de fotografar pessoas que não tem notabilidade.

As pessoas representadas são: atrizes, produtoras culturais, cozinheiras, estudantes, professoras, empresárias, artesãs, microempreendedoras, servidoras públicas, militantes de movimentos sociais.

A partir dessas características, a fotografia documenta a representatividade do negro através das relações cotidianas, dos costumes, dos laços de solidariedade estabelecidos, de maneira a dialogar com outros momentos de nossa história que não são estanques, não foram apagados do imaginário social, e propiciam a compreensão de nossa cultura, nossa religião, enfim, dos elementos que constituem nossa sociedade e que foram fortemente influenciados pela cultura africana.

Nesse sentido, pensar sobre a importância da fotografia é compreender que esta tecnologia serve para refletir sobre épocas e momentos que preservam e fortalecem a história.

Segundo Mauad (2008), as fotografias servem como documentos para atestar a existência de um passado vivido, mas o fazem por meio de certa linguagem e por ações codificadas. São, portanto, monumentos que projetam a autoimagem de uma sociedade a ser perenizada para a posteridade. Fotografias são, ao mesmo tempo, documentos e monumentos, importantes suportes de relações sociais.

A fotografia nos propicia análise e reflexão, já que ela é um meio de comunicação. Através dela podemos eternizar o tempo, mexer com o imaginário de cada expectador. Os objetos de estudo a que nos dedicamos são fotografias de Paulo Santos em seu projeto denominado Ilustres e Anônimos.

Há 19 anos, o fotógrafo Paulo Santos iniciou o seu projeto Ilustres e Anônimos, tendo personalidades negras como homenageadas. O projeto buscou dar visibilidade através da fotografia a pessoas anônimas. Foram personalidades negras que exerceram um papel importante no contexto social e cultural em municípios da Baixada Fluminense, mas que passaram e passam despercebidas pelas ruas das cidades.

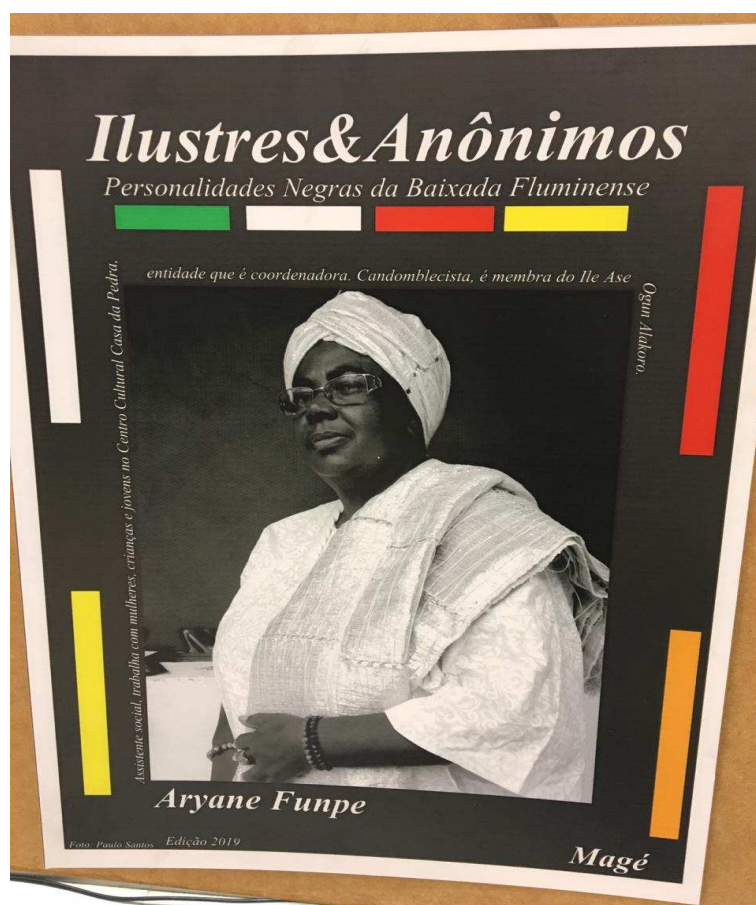
No ano de 2019, Paulo Santos escolheu um elenco totalmente composto por mulheres. São 36 mulheres negras, pedindo passagem para o reconhecimento de suas trajetórias. O fotógrafo Paulo Santos usa o seu olhar fotográfico para encontrar personalidades anônimas e por algum tempo tirá-las do anonimato para torná-las protagonistas de suas próprias histórias.

3 QUEM SÃO AS MULHERES ILUSTRES E ANÔNIMAS APRESENTADAS POR PAULO SANTOS EM SUA EXPOSIÇÃO?

Para dialogar com a representação fotográfica apresenta-se mulheres negras fotografadas por Paulo Santos e apresentadas em sua exposição.

Na ocasião, o fotógrafo escolheu personalidades negras que exerciam um papel importante no contexto social e cultural na Baixada Fluminense. Segue para apreciação as imagens de algumas dessas mulheres anônimas que, por alguns dias se tornaram visíveis, através do olhar fotográfico de Paulo Santos.

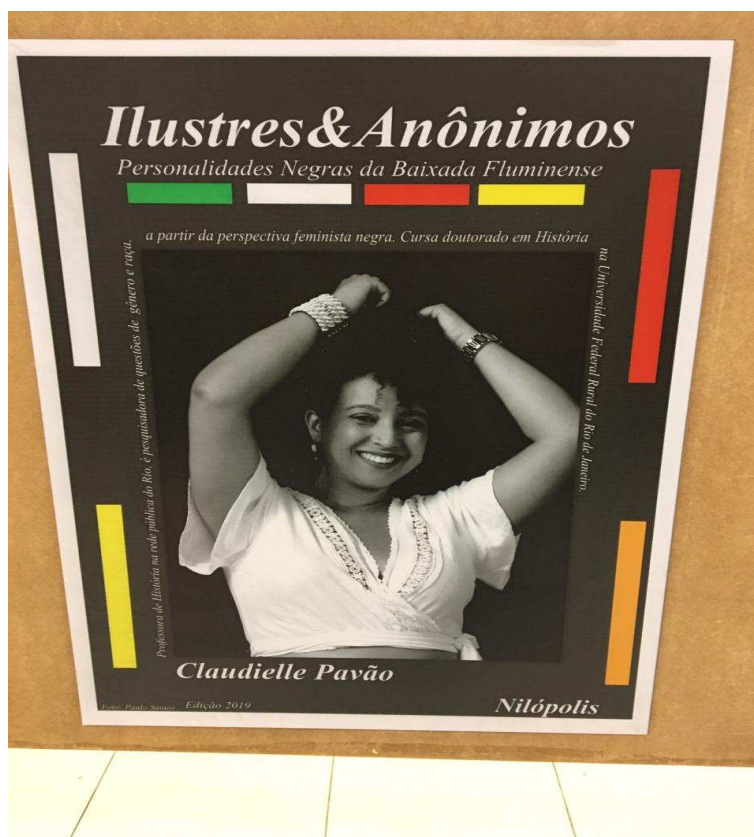
Figura 6 – Aryane Funpe



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Aryane Funpe – Magé, é assistente social, trabalha com mulheres, crianças e jovens no centro cultural Casa da Pedra, entidade que é coordenadora. Candomblecista, é membro do Ile Ase Ogun Alakoro.

Figura 7 – Claudielle Pavão



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Claudielle Pavão – Nilópolis, é professora de história na rede pública do Rio, é pesquisadora de questões de gênero e raça, a partir da perspectiva feminista negra. Cursa doutorado em história na UFRRJ.

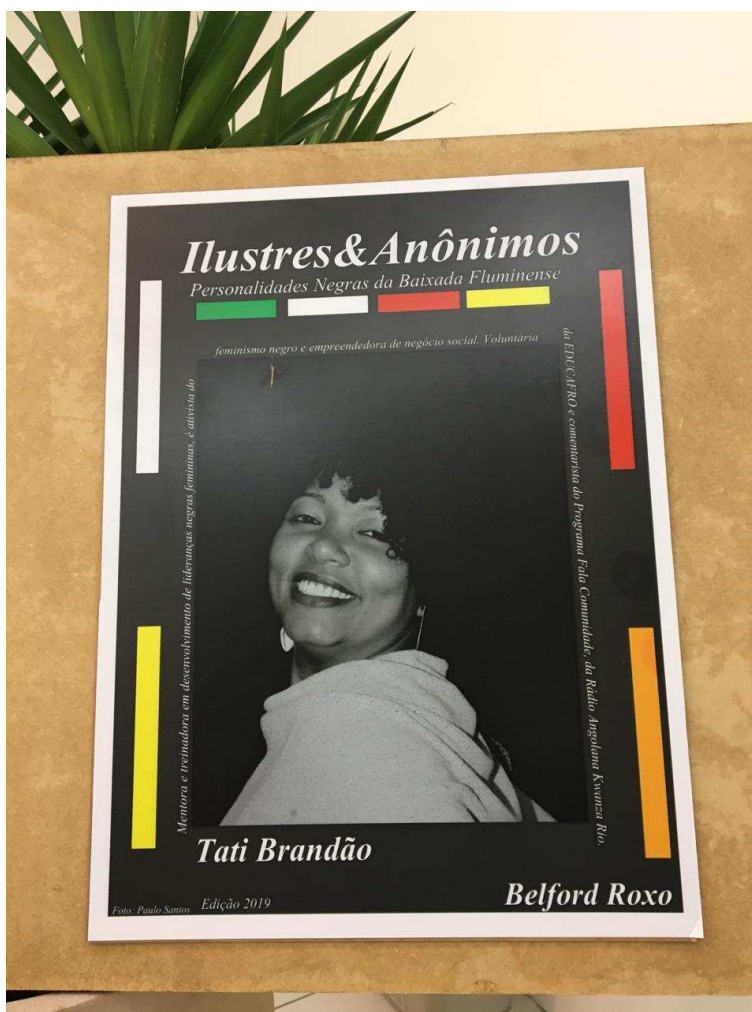
Figura 8 – L'ayo



Fonte: Arquivo pessoal da autora

L'ayo – Nova Iguaçu, estudante do Ensino Médio, faz parte, há 8 anos do grupo de maracatu Virando baque da mata. Candomblecista e militante do feminismo negro é apaixonada por Arte e seu sonho é ser artista e dançarina.

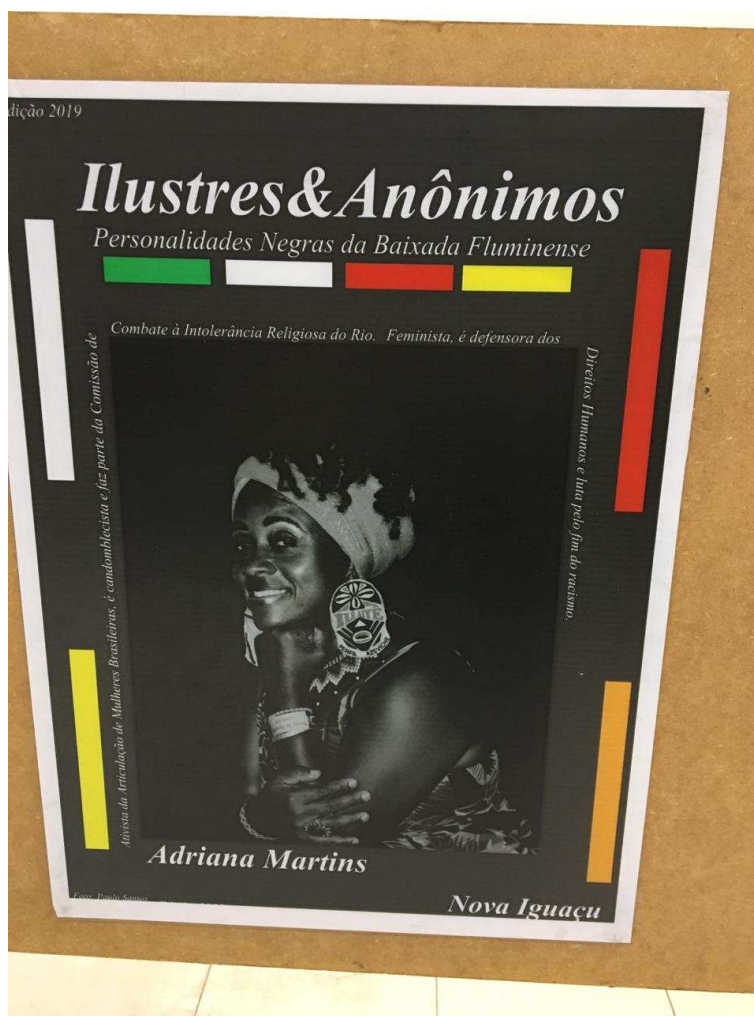
Figura 9 – Tati Brandão



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Tati Brandão – Belford Roxo, mentora e treinadora em desenvolvimento de lideranças negras femininas, é ativista do feminismo negro e empreendedora de negócio social. Voluntária do Educafro e comentarista do programa fala comunidade, da rádio angolana KWANZA Rio.

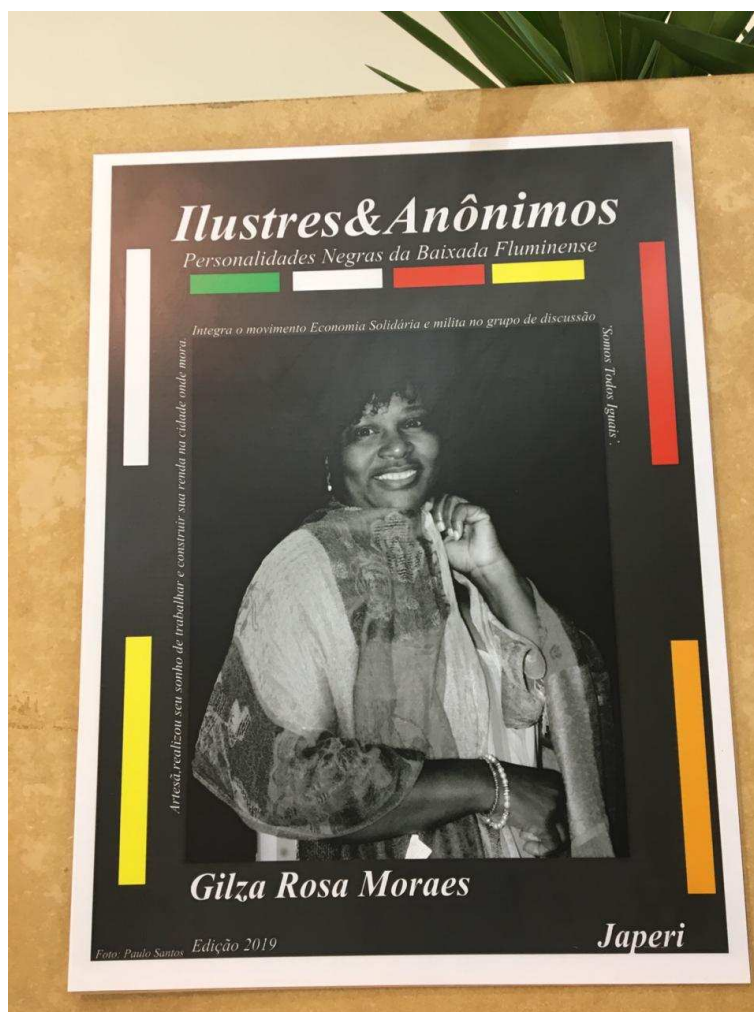
Figura 10 – Adriana Martins



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Adriana Martins – Nova Iguaçu, ativista da articulação de mulheres brasileiras, é candomblecista e faz parte da comissão de combate à intolerância religiosa do Rio. Feminista, é defensora dos direitos humanos e luta pelo fim do racismo.

Figura 11 – Gilza Rosa Moraes



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Gilza Rosa Moraes é moradora de Japeri, artesã, realizou seu sonho de trabalhar e construir sua renda na cidade onde mora. Integra o movimento economia solidária e milita no grupo de discussão racial e social denominado “Somos todos iguais.”

Nota-se com a fotografia que são mulheres diferentes, cada uma com sua própria personalidade, seu estilo, seu jeito único de ver a vida, perceber seu lugar no mundo. No momento em que foram fotografadas, se mostraram empoderadas e donas de seus corpos, se sentindo parte de um todo.

A exposição serve para mostrar no cotidiano o quanto as mulheres são importantes e precisam ser exaltadas, por isto, para algumas delas pode ter sido difícil encarar as câmeras e sorrir para elas, mas conseguimos

perceber como elas redescobriram a beleza escondida em seus sorrisos através desses cliques.

3.1 Revelando o fotógrafo negro da Baixada Fluminense

Figura 12 – Paulo Santos



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Paulo Santos conhecido profissionalmente por suas fotografias, jornalista (repórter fotográfico), exerce a profissão há mais de 30 anos, tendo trabalhado em jornais da grande imprensa, onde durante um tempo (3 anos) exerceu a função de editor de fotografia (jornal O Dia). Atualmente é responsável pelo projeto fotográfico Ilustres & Anônimos que está em sua 17ª edição, projeto quem se transformou em livro. Também foi corresponsável pelos projetos “Mulheres Maravilhosas” edição 2004, “Mulheres que fazem”

edição de 2006 em Mesquita e Nova Iguaçu e “Mulheres de talento” edição 2013.

Publicou em 2011 o livro de fotografias “Imagens Nova Iguaçu” com tiragem esgotada, “Baixada Fluminense em preto e branco 1ª edição” em 2016, além de ter participado como fotógrafo e editor dos livros “Mulheres do MAB” e “Belford Roxo em fatos e fotos”. Trabalha como *free lancer* e desenvolve junto a produtoras projetos de comunicação e imagem. (SANTOS, 2017)

Segundo Claudia Maria, jornalista que redigiu a apresentação do livro “Ilustres e Anônimos: Personalidades Negras de Nova Iguaçu”, de Paulo Santos:

As pessoas a serem homenageadas são indicadas por grupamentos sociais e culturais do município e todas podem contribuir muito para que a nossa existência passe com maior dignidade. (MARIA, 2012)

Esse compromisso de lutar contra o racismo, fez com que o fotógrafo ressaltasse a mulher negra em suas obras, reconhecendo sua importância e representatividade social.

No século XXI milhares de mulheres são mães solteiras, chefes de famílias e são símbolo de resistência perante a fragilidade das comunidades, mas graças a elas se constrói um país mais igualitário e representa-las nas fotografias é dar visibilidade a quem muitas vezes é invisibilizada pela modernidade elitista, que as submetem a trabalhos domésticos como empregadas ou serviços gerais, com falta de oportunidade não se tem ascensão social.

Por meio da fotografia a mulher passa a ser protagonista e Paulo Santos em suas exposições destaca que o belo pode ser plural inclusive na periferia.

A Baixada Fluminense é composta por 3.925.424 habitantes, conforme a estimativa do IBGE (2021), sendo a maioria da população que trabalha na região metropolitana, lugar em que os munícipes que precisam se deslocar para trabalhar busca o sustento.

3.2 Obra e Autor: Uma Ótica Além do Continente

No Brasil, um país que possuía uma vasta diversidade étnica e cultural decorrente ao processo de colonização marcado por invisibilização do povo negro, sendo assim adota-se como objeto de pesquisa as fotos de mulheres negras registradas por Paulo Santos.

O referido profissional do ramo da fotografia possibilita as pessoas do sexo feminino a se caracterizarem conforme o seu reconhecimento étnico, ou seja, consoante a cultura africana, cujo os adornos e indumentárias constituem uma identidade afro-brasileira.

Entretanto, o respeito a diversidade é uma questão que historicamente compromete as relações humanas no Brasil, pois aceita-se o que vem da Europa e condena-se o que provem do Continente Africano, sendo mais latente quando se trata de roupas e religiões.

Nilma Lino Gomes destaca que

Apesar de o Brasil ser uma sociedade marcada na sua cultura pela corporeidade como forma de expressão, o corpo negro vive um momento de superação da visão exótica e erótica. A partir do ano 2000 há uma politização da estética negra diferente daquela do final dos anos 70 e início dos 80 do século XX. Consumo, mercado, mídia, presença do corpo negro em espaços acadêmicos, formação de núcleos e associação de pesquisadores negros, presença de negros no governo federal, nos ministérios e secretarias especializadas acabam por trazer uma nova leitura e uma nova visão do corpo negro. (GOMES, 2017, p. 75)

A autora nos mostra que o caos em que os negros viviam no passado está sendo transformado pelas novas gerações. Sabemos que ainda é uma mudança pequena, mas já conseguimos enxergar transformações. Os jovens negros de hoje conseguem se posicionar, expor suas opiniões, deixar claro que não aceitam mais serem tratados de forma pejorativa. Com esse posicionamento outras pessoas são fortalecidas e encorajadas a também lutar por direitos, contra o racismo e pela Promoção da Igualdade Racial.

Os fotógrafos negros reconhecem a importância da imagem para retratar o povo negro. Bira de Carvalho, também foi um profissional do ramo que reafirma tal necessidade ao articular o ensaio fotográfico intitulado: “Aproximações Sensíveis do Distanciamento Social das Favelas” relatado na Revista Periferias.

Aliado ao pensamento fotográfico como registro cultural, tem-se Walter Firmino Guimarães da Silva, que assim como Paulo Santos era fotógrafo, negro e jornalista. O referido profissional foi premiado em 1963 com a matéria “Cem Dias na Amazonia de Ninguém” (Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, 2022). Ambos buscam em sua etnia reforçar o empoderamento dos marginalizados socialmente.

É notório que a imagem estampada por Paulo Santos serve de inspiração para outras pessoas e encoraja outras mulheres a assumirem seu lugar perante a sociedade, que é todo espaço que ela se proponha ocupar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade marcada pelo racismo, falar sobre imagens de mulheres negras na fotografia, cujo fotógrafo também é negro torna-se um grande desafio, pois a falta de biografia específica é uma forma de silenciamento das personalidades negras.

Paulo Santos, por morar em um município da baixada tem pertencimento com as realidades pessoas fotografadas, o mesmo usa sua profissão para encorajar mulheres e revelá-las em exposição, inclusive em lugares com grande circulação de pessoas por conta dos estabelecimentos comerciais, cujo nome da exposição fotográfica é "Ilustras e Anônimos". São anônimos por serem pessoas que nunca foram profissionalmente convidadas para estampar grandes marcas nas publicidades e transformam-se em ilustres a partir do momento que são apreciadas em uma exposição no Top Shopping de Nova Iguaçu, tendo reconhecimento social.

Em meio a sociedade o fotógrafo proporciona a uma geração consumista um novo olhar ao belo, ampliando possibilidades para ser uma modelo fotográfica. O shopping é um espaço de encontro de gerações, sendo assim, com a exposição não se tem apenas uma mudança de mentalidade, mas também se forma uma nova visão da sociedade. De acordo com Nelson Mandela uma criança não nasce racista, torna-se racista, então se ela aprende a ser assim, pode aprender a amar o outro. (MANDELA, 2019, p.20)

Nota-se que o amor pela fotografia possibilita um empoderamento principalmente para pessoas negras, assim como meu pai, que exercia a mesma profissão que Paulo Santos, cuja renomada obra revelada em seu livro intitulado "Baixada Fluminense em Preto e Branco", nota-se Paracambi, representado que é um dos pontos turísticos. Deste modo é possível pode-se afirmar que somos resistência.

Neste sentido, conclui-se que a fotografia ajuda a conhecer, explorar e fazer perdurar momentos.

Por meio do recorte proposto para ser investigado, este trabalho pode ser relevante para o conhecimento e a compreensão deste tema, pois

possibilitou uma reflexão acerca de um viés das formas de se representar corpos negros, especificamente de mulheres negras fotograficamente e o aporte a qual estão relacionados.

Portanto vale ressaltar a provocação de uma mulher nascida em cativeiro norte americano, a abolicionista afro-americana, escritora e ativista dos direitos humanos Isabella Baumfree que decidiu adotar o nome de Sojourner Truth a partir de 1851, citada no livro de Djamila Ribeiro:

Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça pra baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! (RIBEIRO, 2019, p.20).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019. Coleção Femininos Plurais.

AZEVEDO, Mileane Andrade e SOUSA, Luciano Dias de. "Empoderamento Feminino: Conquistas e desafios". In: **SAPIENS - Revista de divulgação científica**. Carangola: UEMG, 2019, v.1, n.02. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sps/article/view/3571/pdf>. Acesso em 03 de novembro de 2022.

COSTA, Mario. **Diga X: Uma Breve História da Fotografia**. *Blog Universidade Tuiuti do Paraná*. 2018. Disponível em: <<https://www.tuiuti.edu.br/blog-tuiuti/diga-x-uma-breve-historia-da-fotografia>>. Acesso em 16 set. 2021.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra28998/walter-firmo>.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: Saberes Construídos nas lutas por Emancipação**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2017.

IBGE. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2021**. https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2021/estimativa_dou_2021.pdf

MANDELA, Nelson. **Um longo caminho para a liberdade: autobiografia**. Lisboa: Crítica, 2019.

MARIA, Claudia. "Apresentação". In: SANTOS, Paulo. **Ilustres e Anônimos: Personalidades Negras de Nova Iguaçu**. Nova Iguaçu, 2012.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes: Ensaio Sobre História e Fotografias**. Niterói. Eduff, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos**. 4ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PEREIRA, Amauri Mendes. **O poder negro: Stokely Carmichael**. Rio de Janeiro: Nandyala, 2020.

PRIORE, Mary Del. (org.) **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

REVISTA PERIFERIAS. "Bira Carvalho em memória". In: **Revista Periferias**. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/bira-carvalho/>. Acesso em 05 de novembro de 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019. Coleção Femininos Plurais.

SALGADO, Sebastião. "Os excluídos na contraluz". In: **Revista Sem Fronteiras**, nº 250, 1997, p.5.

SANTOS, Paulo. **Ilustres e Anônimos: Personalidades Negras de Nova Iguaçu**. Nova Iguaçu, 2012.

SANTOS, Paulo. **Baixada Fluminense em Preto e Branco**. 2ª ed., Nova Iguaçu, 2017.

TEIXEIRA, Evandro. **Fotojornalismo**. Rio de Janeiro: Editora JB, 1982.